

## PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DE *O MENINO NITO*, DE SONIA ROSA.

Ladyana dos Santos Lobato – Universidade Federal do Pará/UFPA  
Ana Rosa Pereira dos Santos – Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia/IFPA (Coautora)

**RESUMO:** Propomos, na presente comunicação oral, uma discussão sobre a presença dos personagens e protagonistas negros/as na literatura infantil. Para isso, utilizaremos como objeto de estudo a literatura infantil *O Menino Nito*, de Sonia Rosa, publicada em 2002. Objetivamos, a partir do estudo desta obra, analisar a representação dos/as personagens negros/as, de acordo com os parâmetros da literatura infantil que atualmente rompem estereótipos socialmente aceitos. Desta discussão compreenderemos que *O Menino Nito* converge para o caminho que estabelece ao/a negro/a um papel/espço que não necessariamente está marcado pelo legado negativo da escravidão, pois apresenta personagens negros/as contemporâneos, em situações do cotidiano. Através desta comunicação, perceberemos que o uso de recursos paradidáticos, com temática etnicorracial, na escola, pode contribuir efetivamente com a afirmação da identidade do/a aluno/a negro/a, rompendo com ideologias fundamentadas em desigualdades etnicorraciais.

**Palavras-chave:** literatura infantil, personagens/protagonistas negros, relações etnicorraciais.

### INTRODUÇÃO

Encontrar personagens negros desempenhando o papel principal de histórias infantis e sendo representados de forma positiva, isto é, de um modo que valorize sua memória, história, cultura, imagem física e psicológica, como gradativamente é possível verificar hoje, era quase impossível há algum tempo em publicações nacionais. Isto porque a presença do negro na literatura infantil, por volta do século XX, a partir da década de 20, isto é, logo após o fim da escravidão, refletiu e reproduziu, na literatura infantil, assim como em várias outras instâncias sociais, uma condição de subalternidade negra e superioridade europocêntrica caracterizante do modelo escravocrata imposto pelo Estado português, durante o Brasil Colônia e Império e que, apesar da abolição da escravidão no país, deixou resquícios de um forte preconceito étnico-racial.

Como resultado desse preconceito, as publicações destinadas ao público infantil apresentavam, e diversas ainda apresentam, em sua maioria, protagonistas brancos. Os personagens negros, principalmente na literatura infantil clássica, não faziam parte do imaginário infantil, pois estavam envoltos de uma “invisibilidade”, causada pela ideologia do não sujeito, por isso, não apareciam nessas histórias e, quando surgiam,

eram apresentados de forma depreciativa, inferior e estigmatizada. Dessa forma, era quase impossível encontrar negros assumindo posições heróicas na literatura infantil e fazendo parte de uma história de autoafirmação de sua identidade, de seu território e de sua ancestralidade de matriz africana, como já é possível encontrar em algumas publicações recentes. Essa nova roupagem de textos para crianças surge na contemporaneidade por autores de obras que, segundo Jovino (2006, p. 188),

buscam uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana.

No entanto, não devemos deixar de ressaltar que essas mudanças na forma de pensar e ser sujeito negro na literatura infantil são resultados, principalmente, de intensas lutas de movimentos negros em diversos âmbitos sociais. Resultados de questionamentos, debates e reflexões maciças no campo da educação para as relações etnicorraciais, segundo a qual ações de reparação, reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade dos afrobrasileiros “dependem necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para as aprendizagens” (CONSTRUIR NOTÍCIAS, 2010, p.1).

Daí a necessidade e a importância da publicação e utilização de obras infantis caracterizadas por apresentarem um subsídio material e intelectual que possa contribuir para uma reeducação etnicorracial, haja vista que formulações didático-pedagógicas também devem ser feitas pela escola, não só em razão do comprometimento social, mas também por uma questão de cumprimento legal às leis, como a nº 10.639/2003<sup>1</sup>.

Nesse sentido, esta comunicação objetiva analisar a representação de negros na literatura infantil, pautando-se naquela caracterizada por apresentar um novo olhar sobre o personagem/protagonista negro e que evidencia uma tendência diferente de representar a imagem do negro nas obras destinadas às crianças. Para análise da representação dos personagens/protagonistas negros na literatura infantil, selecionamos a obra *O Menino Nito*, de Sonia Rosa, publicada em 2002, na qual enfatizamos os aspectos da narrativa, como o tempo e o espaço, o contexto narrativo da obra, as adjetivações, relações afetivas e destino final dos personagens, e o conteúdo das obras.

---

<sup>1</sup> Essa lei está destinada a estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", além de amparar outras providências.

Assim, a presente comunicação está organizada em dois momentos. No primeiro, faremos um recorte histórico sobre a presença de personagens/protagonistas negros na Literatura Infantil e, no segundo, discorreremos sobre a representação dos personagens negros em *O Menino Nito*, destacando a representação dos personagens, os elementos da narrativa e evidenciando os aspectos ideológicos presentes nas obras.

Esta discussão é relevante a partir do momento em que reconhecemos a escassez de estudos que contemplem a questão etnicorracial, no que se refere à análise de conteúdos que são direcionados às crianças, e que podem ser utilizados pela escola. Desse modo, existe a necessidade de se analisar as formas por meio das quais os personagens negros podem ser representados na literatura infantil, ressaltando aquelas obras literárias que valorizam a identidade, a história e a cultura da população negra, pois estas histórias têm manifestado uma tendência que comunga com as modificações ocorridas atualmente na sociedade, no caminho de uma reeducação para as relações etnicorraciais. Estas obras, desde que bem trabalhadas, podem contribuir positivamente com a construção da identidade das crianças.

## **1. A presença de personagens/protagonistas negros na literatura infantil brasileira**

A presença do negro na literatura brasileira é registrada, segundo Rabassa (1965), desde o início da escravidão, quando escritos e crônicas falavam do sistema escravocrata e da vida do negro. Na literatura publicada no Brasil até 1888, o personagem negro era geralmente caracterizado como:

Uma figura semelhante a feras que servia apenas para o trabalho pesado, um selvagem em quem não se pode confiar e que se revoltará na primeira oportunidade, um herói lutando contra uma opressão injusta, um servo fiel imbuído de grande amor por seu senhor, uma figura exótica que desperta desejo, um pobre ser humano rebaixado de seus anseios justos devido a uma instituição iníqua. (RABASSA, 1965, p. 99).

A imagem do negro reproduzida na literatura infantil brasileira não foi diferente da imagem já reproduzida na literatura destinada ao público adulto, sintetizada por Rabassa (1965). No entanto, a presença do negro na literatura infantil surgiu apenas na década de 20, século XX, logo após a emergência do gênero literário infantil no Brasil e no momento em que o impulso nacionalista exigia que a literatura brasileira infantil deixasse de copiar os modelos europeus e se ajustasse às peculiaridades locais.

Nessas histórias infantis o negro não ocupava o papel de protagonista, sua imagem era permeada por uma invisibilidade, pois este personagem fazia parte da história, mas era secundário. Tão insignificante que quase não existia no imaginário

popular como personagem de histórias infantis, pois dificilmente nossa memória nos levava a apontar histórias com a presença deste personagem, mas ele estava ali e quase sempre associado à escravidão, sofrendo várias humilhações e agressões físicas e verbais, dessa forma, “não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo” (JOVINO, 2006, p. 187). Assim, o espaço ocupado por personagens negros e negras na literatura infantil era definido da seguinte forma:

O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial, e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...). Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida... Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas... Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas... Altivos e elegantes?? Nunquinha... (ABRAMOVICH, 1989, p. 36-37)

Essas foram as características que marcaram a história da literatura infantil com personagens negros no Brasil por volta de quatro décadas, se estendendo até os anos 60. Segundo Jovino (2006), somente a partir de 1975, com uma literatura brasileira infantil voltada à crítica social é que a temática étnico-racial passa a ser inserida neste gênero literário, pois “pouco a pouco surge uma literatura conscientemente anti-racista” (Andrade *apud* Oliveira, 2010, p. 3). O negro passa a ocupar o papel de protagonista de algumas histórias infantis publicadas neste período, no entanto, segundo Oliveira (2010), muitas obras publicadas na década de 70 e 80, apesar da inovação no tratamento dado à questão racial, ao mesmo tempo acabavam reproduzindo preconceitos, pois folclorizavam os personagens negros, geralmente os relacionando a um espaço de pobreza e miséria e os colocando, quando associados com os personagens brancos, de forma inferior.

Havia também, nestas publicações, certa tendência em evidenciar a questão da mestiçagem, o que representava uma forma de camuflar o racismo e apaziguar os problemas sociais, contribuindo, assim, com o mito da democracia racial, o qual

Pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre esses dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídas sobre esse grupo racial. (Gomes, 2005, p. 57)

Assim, apesar das publicações dos anos 70 e 80 apresentarem um novo olhar sobre a representação do negro na literatura infantil, estas se mantinham em um plano

camuflado de narrações preconceituosas, as quais eram sustentadas pelo mito da democracia racial, evidenciando, por exemplo, a mestiçagem. O aspecto da mestiçagem, de acordo com Munanga (1999), é algo inerente à humanidade, no entanto, possui um sentido ideológico que converge para a hierarquização dos grupos etnicorraciais e estabelece, ideologicamente, a aproximação com o modelo estético do branco.

A literatura infantil, por essa razão, muitas vezes recorreu/recorre, à estruturação de um personagem/protagonista que quando não é branco, é mestiço, sendo que nas literaturas que estes são realmente identificados como negros sua imagem ainda é estigmatizada por traços considerados inferiores. Além disso,

Algo interessante para refletirmos é o fato de nos serem dados a conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu. Fomos acostumados às diversas adaptações de contos de fadas como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, Branca de Neve ou às diversas histórias do livro Mil e uma Noites (Jovino, 2006, p. 182).

Assim, essas histórias em muito influenciaram/influenciam a reprodução de um ideal étnico, no qual o padrão de beleza é construído sobre traços europeizados. Daí a indagação de Bencini (2002): “Por que os heróis nunca são negros?”. A inquietação da autora nos remete à compreensão de que a literatura infantil sempre esteve permeada por concepções estéticas que modelam um padrão de beleza idealizado a partir da identidade étnica e cultural do próprio personagem/protagonista da história, padrão este que não corresponde às características identitárias da população negra.

Atualmente, algumas obras escritas para crianças já buscam romper os aspectos que depreciavam a população negra nas publicações características dos anos 20 (aquelas que inferiorizavam explicitamente a população negra) e das publicações dos anos 75 e alguns anos posteriores (aquelas que privilegiavam a ação do personagem negro, mas que tendiam para concepções ideológicas de democracia racial). As obras que surgem na contemporaneidade apresentam protagonistas e personagens negros

na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores. (Abramovich, 1989, p. 36-37)

A literatura infantil brasileira, nos dias atuais, apresenta, portanto, várias obras que valorizam a identidade, a cultura, a religião e os contos de tradição africana. Nessas obras, o personagem negro ocupa, muitas vezes, o papel de protagonista, desta vez, através de imagens menos estereotipadas. São obras que surgem no final dos anos 80 e que se estendem até os dias atuais. Esse tipo de literatura, também caracterizada como

literatura infantil afro-brasileira<sup>2</sup>, foi ainda mais alinhado sob os moldes de uma literatura de enfrentamento etnicorracial quando o Ministério da Educação/MEC, a partir de 2003, comungando com as propostas de políticas afirmativas do Governo Federal e com as exigências dos Movimentos Negros, sancionou, entre outras ações, a Lei nº 10.639/03.

Vale ressaltar que a literatura também passa a atuar como uma das principais ferramentas no combate ao preconceito e à discriminação racial no Brasil, pois a Lei nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/06), também institui que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados em todas as atividades curriculares da escola, em especial na área de Literatura, Artes e História.

Desse fundamento é que surge o enfoque dado à literatura, neste artigo, em especial à infantil, por esta ser, principalmente, de recepção desse público e também devido ao fato de este tipo de literatura, chamada de paradidática, ser um dos focos das políticas públicas afirmativas. Além disso, cada vez mais se torna indiscutível o fato de que “a leitura da literatura infanto-juvenil pode contribuir com a promoção da igualdade étnico-racial em ambientes educativos” (SOUZA *et al.*, 2009, p.1). Por isso, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira possui como um dos seus objetivos “promover o desenvolvimento de pesquisas e produção de materiais didáticos e paradidáticos que valorizem, nacional e regionalmente, a cultura afrobrasileira e a diversidade” (BRASIL, 2009, p. 22).

Dessa forma, a maioria das literaturas afro-brasileiras, publicadas recentemente, valoriza a identidade, a cultura, a história, os mitos e a religião africana. Entre estas, existem aquelas que não estabelecem aos personagens da narrativa um espaço e/ou papel resultante do legado negativo da escravidão, tal qual *O Menino Nito*, obra que passaremos a discutir, a partir de agora.

## **2. A representação de personagens negros em *O Menino Nito***

A obra *O Menino Nito* foi publicada em 1995, no entanto, a versão utilizada para esta comunicação corresponde à edição relançada pela Editora Pallas em 2002. A autora

---

<sup>2</sup> A literatura infantil afro-brasileira é aquela que, em linhas gerais, aborda a temática étnico-racial e que, através do discurso literário, denuncia a atual condição do negro na sociedade e afirma um sentimento positivo de valorização da história, da identidade, dos aspectos éticos e estéticos do povo negro.

desta obra é Sonia Rosa, professora da rede municipal do Rio de Janeiro há mais de 20 anos, orientadora educacional e escritora, que nasceu e mora no Rio de Janeiro.

*O Menino Nito* caracteriza-se entre as literaturas infantis afro-brasileiras como aquela que objetiva uma auto-estima favorável ao leitor negro e o contato, pelo leitor não negro, de uma visão dos personagens negros que dificilmente é explorada nas obras infantis. Essa imagem do personagem negro, que é transmitida pela obra, não prende os personagens da narrativa ao passado histórico de escravidão dos negros no Brasil, isto é, não estabelece um espaço e/ou papel resultante do legado negativo que o sistema escravocrata deixou à população negra no Brasil. Dessa forma, os personagens de *O Menino Nito* são apresentados com *status* similar ao de qualquer outro cidadão e, por isso, surgem na narrativa vivenciando situações cotidianas.

Com um narrador em terceira pessoa, *O Menino Nito* aborda como temática o estereótipo machista de que homem não chora. Para isso, fazem parte desta história quatro personagens: Nito, a mãe de Nito, o pai de Nito e o Dr. Aymoré, sendo que Nito é o personagem principal. A história não demarca exatamente o tempo e o espaço em que acontece, mas é possível inferir que ocorre na contemporaneidade, devido apresentar personagens modernos; o espaço é a casa da família de Nito. Vale ressaltar que a obra *O Menino Nito* possui um sub-título, ainda não apontado neste artigo: “Então, homem chora ou não?”. Esse sub-título referenda também a temática da obra.

Partindo do início da narrativa, e também através do título, percebemos que a construção da imagem do personagem negro, nesta obra, é consolidada a partir da descrição adjetiva do personagem Nito e da posição que este ocupa no enredo, através do seguinte trecho: “De tão gracinha que [Nito] era, logo, logo, começou a ser chamado de bonito:/ Bonito prá lá... Bonito prá cá... / Até virar apenas Nito” (ROSA, 2004, p. 3). A análise que podemos extrair deste discurso nos remete à ampliação dos referenciais imagéticos encontrados na literatura infantil. Percebemos uma tentativa de, através do estético, causar um momento de ruptura a estereótipos impostos na literatura infantil pelos conceitos ideológicos baseados em um padrão de beleza europeu.

Em *O Menino Nito*, também não existe referência, através do discurso verbal, a aspectos etnicorraciais, ele apresenta os personagens negros e evidencia sua beleza, sem que para isso seja necessário apontar a questão cor da pele, daí o leitor estabelecer a relação beleza/negro de forma natural, percebida por meio das imagens da obra<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Em *O Menino Nito* só é possível perceber que os personagens são todos negros através da representação gráfica da história.

Apesar de belo, Nito chorava por tudo. Segundo a história, quanto mais ele crescia, mais “chorão” ficava, até que um dia essa situação levou seu pai a chama-lhe para uma conversa, na qual dizia que homem não chora. O discurso do pai de Nito exemplifica, nesta obra, a forma como os valores, aparentemente naturais, são transmitidos às crianças. Nesse caso, as relações de gênero são estabelecidas através de estereótipos machistas, pelos quais a criança acaba sendo educada ao longo do seu processo de desenvolvimento.

No entanto, é válido destacar que o discurso apresentado pelo pai de Nito pode tomar outras formas e ser usado para “ensinar” vários outros tipos de preconceitos, que também podem ser de esfera étnico-racial, pois esta temática pode ser engendrada pela família e, dependendo de como esta acontece, pode chegar a influenciar (ou conflitar, como é o caso de Nito) a construção da identidade das crianças.

Após essa conversa, Nito parou de chorar e todas as vezes que sentia vontade de chorar, passava a “engolir” o choro, no entanto, Nito também parou de correr, de pular, de brincar: “Ao final de um mês, o menino já não/agüentava nem levantar da cama de tanto/que pesavam os choros engolidos./ O pai chamou a mãe num canto:/ - Nosso filho está doente! Vamos chamar o médico” (ROSA, 2004, p. 8).

Percebemos, neste segmento, duas contribuições muito importantes detectadas através da análise do discurso sobre estereótipos etnicorraciais encontrados na literatura infantil: negro/desamparado e negro/pobre. O discurso deste tipo de literatura ora analisado foge a esses ditames, pois é possível verificar uma família preocupada com o filho, na qual o personagem negro tem pai e mãe e estes sustentam uma relação com grandes laços de afetividade, o que se configura como uma quebra do primeiro paradigma. O segundo estereótipo, negro/pobre, também é superado, pois os personagens são de classe média devido apresentarem condições financeiras de contratar, em domicílio, os serviços de um médico particular. A representação gráfica desta literatura infantil também nos ajudar a chegar a esta conclusão, pois apresenta a residência da família nos moldes de uma residência de família de classe média.

Prosseguindo a história, o médico, Dr. Aymoré, descobriu que o problema de Nito estava associado aos choros que estava engolindo desde que o pai falou-lhe que “homem não chora” e pediu para ele “desachorar” todo o choro engolido. Nito começou a “desachorar”, várias bacias grandes de choro, mas este não chorou sozinho: “A mãe chorou junto./ O pai chorou, sentido./ O médico chorou de emoção./ Depois de quatro



bacias grandes e dois baldes /cheios, Nito colocou seu choro em dia e ficou/curado!” (ROSA, 2004, p. 13).

Interessante, neste segmento, é destacar a influência da sensibilidade na história: todos choram ao ver o menino Nito chorar. Este sofrimento vivenciado pela família da obra *O Menino Nito* é resultado de uma situação comum, que pode ser encontrada no cotidiano de todas as pessoas, fugindo, assim, da imagem de sofrimento há muito tempo construída sobre a família negra na literatura infantil, que é a do sofrimento quase que exclusivamente pela pobreza, miséria, desestrutura da família, preconceito, etc.

Na história, após Nito ficar curado, o pai conversa novamente com ele sob a perspectiva de que chorar é bom porque “às vezes deixa a gente mais homem...” (ROSA, 2004, p. 14), mas que não se deve chorar sem razão. Uma forte relação de afetividade é estabelecida na história, pois após a conversa: “Os dois se abraçaram forte./ Ficaram assim um tempão... Um sentindo a batida do coração/do outro...” (ROSA, 2004, p. 15). O discurso aqui apresentado nos remete a uma questão muito presente na literatura infantil: a ausência do pai. Em *O Menino Nito*, percebe-se, pelo contrário, um pai presente, afetivo e preocupado com a educação do filho.

Ao final da obra, é possível verificar o seguinte segmento: “A partir daí, entre uma e outra choradinha, com razão, o Menino Nito cresceu um/menino muito, muito, mas muito feliz!” (ROSA, 2004, p. 16). Destacamos esse segmento para referendar o discurso presente no destino final do protagonista. Essa ênfase na intensa felicidade vivenciada por Nito pode perfeitamente ser comparada ao destino final dos clássicos da literatura infantil: o célebre trecho final do “viveram feliz para sempre”, dos contos de fada. Dessa vez, temos, portanto, um personagem negro que vive feliz, que é esteticamente lindo e que vive situações do cotidiano, efetivando, assim, uma ruptura aos “modelos” ideológicos impostos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões levantadas por esta comunicação nos levaram a compreender, sistematicamente, que por muito tempo a voz do personagem negro foi silenciada na literatura infantil brasileira, pois estes textos ora não apresentavam este personagem, ora lhe mostravam construído sobre um discurso extremamente hegemônico, resultante de concepções ideológicas etnocêntricas que sustentaram todo o período de escravidão negra no Brasil.

No entanto, esta comunicação, através de um breve recorte histórico, também nos conduziu a um momento em que as formas de pensar e fazer literatura infantil, ao acompanharem as exigências sociais, começam a apontar para um novo viés. Desta vez, ficamos diante de um conceito denominado de literatura infantil afro-brasileira, que apostou num discurso voltado a construir princípios de valorização da cultura africana e de superação de preconceitos. *O Menino Nito* expressa, sinteticamente, a busca pela valorização da identidade negra por meio da apresentação da imagem do negro com *status* similar ao de qualquer outro cidadão, sendo apresentados personagens que vivenciam situações cotidianas. Lembrando que, a obra, apresenta apenas um dos vieses em que se pode trabalhar literatura infantil com temática etnicorracial, pois é possível encontrar, atualmente, literaturas infantis que buscam caminhos diversos e, às vezes, opostos a proposta apresentada por *O Menino Nito*.

A intenção da obra analisada, em especial, nos leva a considerar uma característica da contemporaneidade e a compreender que a literatura infantil é uma das ferramentas essenciais no combate ao preconceito, à discriminação e ao estabelecimento de uma educação mais comprometida com as relações etnicorraciais, pois já é possível perceber uma política voltada aos livros paradidáticos. Esta política se deve ao reconhecimento da importância de se trabalhar as questões etnicorraciais no espaço escolar, desde as séries iniciais, isto é, com as crianças, as quais se encontram em um estágio propício de construção de identidade e formação de conceitos sociais. Daí a literatura infantil com temática africana e afro-brasileira constituir-se uma extensão da exigência legal na qual a temática deve ser trabalhada, entre outras disciplinas, na área de conhecimento da Literatura.

De certo, apesar da crescente publicação de livros infantis afro-brasileiros, não podemos deixar de acentuar que ainda existem títulos infantis, que através de um discurso “bem intencionado”, reproduzem conteúdos de caráter preconceituoso e que o acervo de literatura infantil afro-brasileira é muito pequeno quando comparado às obras que fazem referência a personagens não-negros. Vale ressaltar que a proposta não é de se trabalhar duas literaturas diferentes para públicos infantis diferentes, ou substituir uma literatura por outra, mas compreender que se faz necessário incorporar, nos espaços educativos, políticas de equidade etnicorracial.

Dessa forma, a literatura quando trabalhada na escola de forma planejada e compromissada poderá delinear, já na infância, uma educação positiva para as relações etnicorraciais. Por isso, comunicações como esta, além ampliar a possibilidade de

trabalhos com recursos paradidáticos e discussões sobre a temática etnicorracial, oferecem um material de suporte que os profissionais da educação podem levar para sala de aula, oferecendo, assim, aos seus alunos, a oportunidade de conhecer textos de caráter antirracista.

Esta atitude contribuirá com a valorização da identidade de cada educando que não se verá sendo representada de forma inferior ou superior, na literatura, mas representada de forma positiva ou sob a perspectiva de enfrentamento etnicorracial. Assim, o uso adequado de paradidáticos com temática etnicorracial, devido a carga simbólica transmitida por seus discursos, pode contribuir efetivamente com a afirmação de identidades, pois é capaz de romper com ideologias fundamentadas em desigualdades etnicorraciais e construir fundamentos para uma educação propícia para a diversidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BENCINI, Roberta. Por que os heróis nunca são negros? **Nova Escola: a revista do professor**, São Paulo, n. 157, p. 40, nov. 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 24 abr. 2010.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: SECAD, 2009. Disponível em: <[www.mp.pe.gov.br /uploads/.../planonacional\\_10.6391.pdf](http://www.mp.pe.gov.br/uploads/.../planonacional_10.6391.pdf)> Acesso em 02 de abril de 2010.

CONSTRUIR NOTÍCIAS. **Educação das Relações Étnico-Raciais**. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1008>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

FONTES, Olga Maia. **Literatura Infantil: Raízes e Definições**. Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/338>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ministério da Educação (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: SECAD, 2005.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Orgs.) **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Fundação Palmares, 2006.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Disponível em: <<http://www.uneb.br/seara/artigos/Negros%20Personagens%20nas%20Narrativas%20Literarias.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

RABASSA, Gregory. **O Negro na ficção brasileira: meio século de história literária**. Trad. Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

ROSA, Sonia. **O Menino Nito**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; SOUSA, Andréia Lisboa; PIRES, Rosane de Almeida. **Afro-Literatura Brasileira: O que é? Para quê? Como Trabalhar?** Disponível em: <[www.criancanegritude.blogspot.com](http://www.criancanegritude.blogspot.com)>. Acesso em: 18 nov. 2009.

STRAUSZ, Rosa Amanda. **Literatura para crianças segue novos rumos**. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/ideias/2001/05/18/joride20010518005.html>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

TURCHI, Maria Zaíra. **Tendências atuais da literatura infantil brasileira**. Disponível em: <[http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA\\_TURCHI.pdf](http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA_TURCHI.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.